

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ANDREW JUMPER

Victor Hermógenes de Oliveira

A CEIA DO SENHOR COMO ELEMENTO FUNDAMENTAL DO CULTO

São Paulo

2022

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO

ANDREW JUMPER

Victor Hermógenes de Oliveira

A CEIA DO SENHOR COMO ELEMENTO FUNDAMENTAL DO CULTO

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis*, *MDiv*, na área de Estudos Históricos-Teológicos. Orientador Professor Dr. Filipe Costa Fontes.

São Paulo

2023

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O048c

Oliveira, Victor Hermogenes De.

A ceia do Senhor como elemento fundamental do culto : [recurso eletrônico] /
Victor Hermogenes de Oliveira.

408 KB ;

Monografia (Magister Divinitatis) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Filipe Costa Fontes.

Referências Bibliográficas: f. 38-39.

1. Ceia. 2. Refeição. 3. Sacramento. 4. Frequência. 5. Culto. I. Fontes, Filipe Costa, orientador(a). II. Título.

Victor Hermógenes de Oliveira

A CEIA DO SENHOR COMO ELEMENTO FUNDAMENTAL DO CULTO

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis*, (*MDiv*) na área de Estudos Históricos-Teológicos. Orientador Professor Dr. Filipe Costa Fontes.

Aprovação 30/01/2023

Orientador: Professor: Dr. Filipe Costa Fontes

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: **Victor Hermógenes de Oliveira**

Programa: Magister Divinitatis, MDiv

Título do Trabalho: A ceia do Senhor como elemento fundamental do culto

O presente trabalho foi realizado com o apoio de:

- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Integral das Mensalidades
- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Parcial das Mensalidades

RESUMO

Este trabalho apresenta um panorama bíblico detalhado sobre a figura da Ceia do Senhor ao longo das Escrituras, além de uma definição sobre o culto e uma perspectiva do princípio regulador estipulado pelo Senhor. Tudo com o objetivo de se fazer uma análise sobre a frequência da ministração da Ceia todos os domingos, elencando significados preciosos deste sacramento.

Ao término deste trabalho, nossa intenção é que o leitor compreenda os textos bíblicos que apresentam a Ceia como continuação da aliança e entenda a celebração deste sacramento como essencial no culto público.

Palavras-chaves: Ceia; Escrituras; refeição; aliança; sacramento; frequência; culto; princípio regulador; Calvino.

ABSTRACT

This work presents a detailed biblical overview of the figure of the Lord's Supper throughout the Scriptures, as well as a definition of worship and a perspective of the regulatory principle stipulated by the Lord. All with the objective of making an analysis about the frequency of the Supper administration every Sunday, listing precious meanings of this sacrament.

At the end of this work, our intention is that the reader understands the biblical texts that present the Supper as a continuation of the covenant and understands the celebration of this sacrament as essential in public worship.

Keywords: Supper; Scriptures; snack; alliance; sacrament; frequency; cult; regulatory principle; Calvin

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. A CEIA NAS ESCRITURAS	11
1.1 UMA REFEIÇÃO DE COMUNHÃO PLENA.....	11
1.2. UM SINAL DA ANTIGA ALIANÇA	12
1.3. A REFEIÇÃO SACRIFICIAL	13
1.4 O SINAL DA NOVA ALIANÇA EM CRISTO	15
1.5 A REFEIÇÃO ÁGAPE.....	18
1.6 A PROCLAMAÇÃO DAS BODAS DO CORDEIRO	19
2. A FIGURA DA CEIA NO CULTO	20
2.1 DEFINIÇÃO DE CULTO	21
2.2 O PRINCÍPIO REGULADOR DO CULTO	22
2.3 A CEIA COMO SACRAMENTO.....	25
3. A MINISTRAÇÃO DA CEIA EM TODO CULTO	28
3.1. COMO UM MEIO DE GRAÇA INDISPENSÁVEL	30
3.2. COMO UM ATO LITÚRGICO FUNDAMENTAL.....	32
3.3. COMO UM ANÚNCIO ESCATOLÓGICO URGENTE	33
CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o propósito de ampliar a compreensão sobre o sacramento da Ceia do Senhor. Através do seu conteúdo, há o aprofundamento do conhecimento bíblico e histórico sobre este sacramento. Contudo, o intuito principal é apresentar o pensamento do reformador João Calvino sobre a frequência mais abrangente da Ceia do Senhor no culto público.

Mediante o estudo desenvolvido e apresentado neste trabalho despertaremos os leitores para uma reflexão sobre a urgência em repensarmos a ministração da Ceia como um ato essencial na adoração da Igreja.

Este tema foi escolhido por constatar que muitos cristãos, ainda hoje, não compreendem a profundidade deste sacramento para a Igreja atual. Muitos participam deste sinal sem uma preparação devida e, ao longo da história, a Igreja tem perdido a beleza da instituição da Ceia do Senhor. Além de percebermos que temos sido envolvidos por liturgias que não trazem a beleza da essência do culto.

Percebemos a necessidade de instruir os crentes, em bases concretas e compreensíveis, para que participem adequadamente da solene celebração da Ceia do Senhor. Ao participarmos desta refeição, anunciamos a morte do Senhor, na expectativa de sua volta. É necessário propagarmos conteúdos bíblicos relevantes sobre o sinal da nova aliança e estimular as igrejas locais a aprofundarem seus conhecimentos sobre este sacramento e ao mesmo tempo desafiá-las a engajarem-se com os desafios que a Ceia do Senhor nos apresenta.

Contudo, a principal motivação ao escrevê-lo surgiu depois de uma leitura do livro “Igreja Essencial: Resgatando uma geração que está abandonando a fé”, de Thom S. Rainer e Sam S. Rainer II. Os autores, depois de diversas pesquisas, mostram a realidade das igrejas nos Estados Unidos, que a cada dia mais perde a visão da sua essencialidade no mundo. Atravessamos um período difícil da pandemia, nossa realidade foi transformada e precisamos urgentemente resgatar a essência da igreja local, afinal cremos que está é a instrumentalidade pela qual Deus transforma o mundo.

Entender sobre a refeição de comunhão que temos com o Senhor é de suma importância para despertarmos aqueles que estão frios na fé e afastados da comunhão. Durante o período da pandemia, alguns líderes incentivaram a celebração da ceia de modo online, tal ação distorceu a profundidade deste sacramento e certamente trouxe consequências que serão sofridas ao longo de anos.

Despertar a Igreja para a celebração da refeição de comunhão com Deus como parte essencial do culto é um caminho fundamental e urgente para nossa realidade.

O assunto dos sacramentos não é algo do passado, nem enrijecido, mas algo atual, que desafia a Igreja do presente século. Precisamos evidenciar com relevância o impacto da Ceia do Senhor e quais seus propósitos para a vida e expansão do Reino.

O presente trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro tem o objetivo de desenvolver, uma teologia bíblica construtiva a respeito da Ceia como uma refeição de comunhão entre Deus e a humanidade, com o propósito de evidenciar através da teologia dos pactos, representada na antiga aliança e consumada na nova aliança.

O segundo capítulo aborda uma visão sobre o culto público. A importante definição do culto e o entendimento que Deus estipula a maneira como requer ser adorado, não sendo, portanto um ato livre da imaginação do ser humano são fundamentais. Através do princípio regulador do culto, apontaremos a Ceia como um sacramento essencial na adoração.

O terceiro e último capítulo visa apontar a importância da celebração da Ceia do Senhor para a igreja atual. Nele, focaremos na visão de João Calvino que expandiu a visão acerca da frequência desta celebração nas igrejas reformadas. Defenderemos a necessidade de fazer da Ceia um ato essencial na liturgia do culto. Quando o povo de Cristo se reúne a fim de adorá-lo, nada mais consistente que participar de uma refeição com Ele, afim de nos alimentarmos da verdadeira comida.

Espero aprender com este trabalho, bem como espero que os leitores também aprendam a construção bíblica acerca da Ceia como uma refeição de comunhão entre o ser humano e seu Criador, a seriedade do culto que Deus requer dos seus adoradores e por fim, a necessidade de expandirmos a frequência com que celebramos este sacramento, realizando-o como parte fundamental de todo culto.

Desejo contribuir com a revisão litúrgica do culto em nossas igrejas. As marcas de uma igreja verdadeira consiste também na ministração nos sacramentos – ceia do Senhor e batismo, principalmente em dias que as liturgias seculares tem descalibrado e alimentado nossos corações, precisamos apontar para necessidade de uma consistência litúrgica que aponta para glória de Deus, e sem dúvidas, esta passa pela celebração da Ceia de maneira mais frequente em nossas igrejas.

1. A CEIA NAS ESCRITURAS

Neste primeiro capítulo serão analisados os textos bíblicos que falam da instituição da Ceia. Nossa intenção é desenvolver, a princípio, uma teologia bíblica sobre o assunto, a partir de uma construção progressiva, a qual nos remeterá às refeições de comunhão plena entre Adão e Eva com o Criador, até a promessa da celebração das bodas de Cristo, entre o Senhor e sua Igreja.

1.1 UMA REFEIÇÃO DE COMUNHÃO PLENA

A análise bíblica deve começar nos primórdios da Criação, quando as Escrituras nos afirmam que Deus ao criar Adão e Eva e colocá-los no jardim do Éden, lhes deu toda fartura de alimentos para que deles comessem livremente em sua presença.

O jardim plantado “representa um espaço territorial que, da perspectiva qualitativa, é superior ao restante da criação, um local abençoado e único. Nesse espaço especial, Deus convida os seres humanos a desfrutar um estado de extrema felicidade resultante de harmonia com Ele, um com o outro e com a terra”¹. Neste lugar, Adão e Eva mantinham comunhão plena com Deus.

Segundo as Escrituras Deus permitiu que eles comessem de todas os frutos das inúmeras árvores que haviam sido plantadas ali, com restrição ao fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Wayne Grudem levanta precedentes da Ceia do Senhor no Antigo Testamento, onde há exemplos em que se come e bebe na presença de Deus, e neste exemplo de Adão, afirma que como “não havia pecado naquela situação e uma vez que Deus os havia criado para terem comunhão com Ele mesmo e para glorificá-lo, cada refeição tomada por Adão e Eva era uma refeição de regozijo na presença do Senhor”².

Adão tinha o dever de cumprir satisfatoriamente a lei de Deus, esta era a condição da aliança, sua obediência deveria ser implícita e perfeita. Contudo, ele falhou em sua parte na aliança, assim o pecado entrou no mundo, e juntamente com o pecado, a morte, a qual evidencia a total separação entre Deus e o homem. A partir da entrada do pecado no mundo, a comunhão do homem com Deus foi rompida.

¹ WALTKE, Bruce. **Teologia do Antigo Testamento: uma abordagem exegética, canônica e temática**. Trad. Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2015, p.279.

² GRUDEM, Wayne A. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 834.

O privilégio da humanidade de comer e beber livremente na presença de Deus foi destituído. Afinal, a aliança foi quebrada. O homem, agora, não podia mais gozar da liberdade de viver em comunhão plena com seu Criador.

Mas, sendo Deus gracioso em seus propósitos, prometeu ao homem um descendente que satisfaria a condição da aliança das obras. Este seria a semente da mulher, Ele feria ferido pela serpente no calcanhar, mas pisaria a cabeça dela. Na plenitude do tempo, este descendente veio cumprir o que Adão não conseguiu.

1.2. UM SINAL DA ANTIGA ALIANÇA

O ser humano vivia na expectativa da chegada do descendente da mulher que traria novamente a comunhão com Deus. Anos se passaram e depois dos 400 anos de escravidão, uma celebração apontou para uma refeição pactual, a Páscoa.

Segundo Berkhof, “a páscoa foi, antes de tudo, um sacrifício de expiação”³, na qual um cordeiro foi imolado e serviu para livramento do povo. Mas, embora fosse antes de tudo um sacrifício, não era somente isso, “era também uma refeição, na qual o cordeiro assado era comido com pães asmos, isto é, não levedados, e com ervas amargas”.⁴ Conforme lemos em Êx 12.8-10.

De igual modo, Bavinck ressalta que a Páscoa era também uma refeição. “Ela é um sacrifício de expiação e uma refeição de comunhão com Deus”⁵. O significado dessa refeição era que Deus se encontrava com seu povo e, com base no sacrifício feito e aceito, unia-se com ele graciosamente.

A origem da festa da Páscoa está ligada à história de Israel. Quando o povo viesse à terra de Canaã e se estabelecesse como povo de Deus na terra prometida, esta festa deveria ser observada todos os anos como “estatuto para vós outros e para vossos filhos para sempre” (Êx 12.24). Tal festa é de suma importância para os israelitas, afinal nesta ocasião, o povo de Israel experimentou a ação redentora de Deus que os livrou da escravidão egípcia e da morte.

Segundo R. C. Sproul: “esse ritual tinha realmente um caráter de sinal de libertação. Era um sinal de redenção porque significava que essas pessoas escapariam da ira de Deus”⁶. Além da escravidão, o povo foi livrado da ira divina. O sinal marcado pelo

³ BERKHOF, p.595.

⁴ Ibid.

⁵ BAVINCK, p.546.

⁶ SPROUL, R. C. **O que é a Ceia do Senhor?** São José dos Campos-SP: Editora Fiel, 2014. p. 14

sangue do cordeiro nos umbrais das portas significava a libertação dos israelitas da exposição a terrível ira de Deus, que atingiu os filhos primogênitos daqueles que não tinha o sangue vertido nos umbrais de suas portas. A Páscoa era um sinal visível de uma graça invisível no Antigo Testamento. Segundo Leandro Lima:

Essa festa era um memorial da libertação israelita do cativo egípcio. No momento da saída do Egito, o sangue aspergido nas portas marcava aqueles que confiavam em Deus, sendo que, na casa em que não houvesse a marca, o primogênito era morto pelo anjo. Nesse caso, o símbolo visível tornava-se intimamente e inseparavelmente ligado com a salvação significada e selada⁷.

Naquela noite, o anjo da morte matou os primogênitos do Egito, mas o povo de Deus foi poupado. Moisés libertou o povo da escravidão e os guiou até a Terra da Promessa, onde se tornaram o povo de Deus. E como recordação perpétua dessa libertação, uma vez por ano, os israelitas obedeciam à instituição da Páscoa. Segundo Horton: “A refeição da Páscoa é a participação das gerações vindouras na noite da passagem segura sob a espada de Deus por causa do sangue nos umbrais”⁸. Os judeus, mais tarde, continuaram celebrando a Páscoa como o dia da libertação, e conforme lemos:

Eles comiam pão e tomavam vinho na Páscoa para lembrar que os seus antepassados haviam comido o pão da aflição e bebido o cálice da ira no Egito, mas que eles, pela libertação divina estavam livres daquilo, e podiam comer o pão e beber o vinho em paz e segurança⁹.

A Páscoa foi uma refeição na presença do Senhor que indicava libertação e apontava para uma refeição de comunhão com Deus, mas outras refeições na presença de Deus também podem ser vistas no Antigo Testamento.

1.3. A REFEIÇÃO SACRIFICIAL

Citamos primeiramente a Páscoa do Senhor, como a festa que celebra a libertação do povo de Israel do Egito, mas que também se fazia acompanhar de uma semelhante refeição sacrificial. Agora, o texto de Ex 24.1-11, onde vemos que Deus estabeleceu uma aliança com seu povo, mediante Moisés. Lemos que Moisés referiu ao povo todas palavras do Senhor, ofereceu holocaustos e sacrifícios ao Senhor e depois tomou o livro

⁷ LIMA, Leandro. **Razão da Esperança: Teologia para hoje**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. p.505.

⁸ HORTON, Michael. **Doutrinas da Fé Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2016, p. 274

⁹ LIMA. p.508.

da aliança, leu ao povo e eles assumiram um compromisso de obediência a vontade de Deus. Lemos no versículo 8, que tomou Moisés aquele sangue, e o aspergiu sobre o povo, e disse: “Eis aqui o sangue da aliança que o Senhor fez convosco a respeito de todas estas palavras”. E logo em seguida, lemos no versículo 11 que justamente com Moisés, Arão, Nadabe, Abiú e setenta anciãos comeram e beberam na presença de Deus.

De fato, o sangue representava a aliança entre Deus e seu povo. Destacamos, contudo que depois da aliança estabelecida, alguns homens desfrutaram de uma refeição em comunhão com Deus.

Contudo, este caráter sacrificial, acompanhado de refeições em comunhão com Deus, fica ainda mais evidente, posteriormente quando o povo chegou em Canaã, a terra prometida, nas refeições sacrificiais. “Ali, o cordeiro não era mais imolado pelo pai da família, mas pelos levitas (2Cr 30.16; 35.11; Ed 6.19). O sangue era aspergido sobre o altar pelos sacerdotes, as porções gordas eram queimadas sobre o altar (2Cr 35.14) e a refeição era servida dentro do santuário (Dt 16.2)”¹⁰.

Além da celebração da Páscoa, outros sacrifícios também eram seguidos de refeições na presença de Deus. Segundo Berkhof:

Os sacrifícios eram acompanhados, muitas vezes, de refeições sacrificiais. Isto era um traço marcante das ofertas pacíficas. Nestas, a gordura ligada às entranhas do sacrifício era consumida no altar; o peito era dado aos sacerdotes e a coxa da oferta era alçada ao sacerdote oficiante (Lv 7.28-34). Enquanto que o restante do animal sacrificado constituía uma refeição sacrificial para o ofertante e seus amigos, desde que estivessem limpos¹¹.

Entre os israelitas, as refeições eram frequentemente combinadas com sacrifícios. “Por vezes, tais sacrifícios eram totalmente consumidos pelo fogo no altar de ofertas queimadas, em outros casos apenas uma parte era consumida pelo fogo e o restante deixado para consumo humano, ou no altar, somente para o sacerdote (Lv 2.3, 10; 6.16, 25-30; 7.1-10; 10.12-13), ou pelo sacerdote oficiante com sua família, em um lugar limpo, como parte de seu sustento (Lv 7.12-14, 31-34; 10.14), ou por quem oferecia o sacrifício, com sua família e amigos, desde que fossem leviticamente limpos (Lv 7.19-21; Dt 12. 7, 12; 1Sm 9.13; 2 Sm 6. 19)”¹².

¹⁰ BAVINCK, 548.

¹¹ BERKHOF, p. 595.

¹² BAVINCK, 548

De maneira simbólica, Berkhof ainda nos afirma que estas refeições ensinavam que, mediante a fé, temos paz com Deus e, com base no sacrifício oferecido pelo sacerdote, Deus “recebia seu povo como hóspedes em sua casa e se unia a eles em jubilosa comunhão, a vida comunitária da aliança”¹³.

Tais refeições eram uma restauração parcial da comunhão que Adão e Eva desfrutavam antes da queda. As refeições sacrificiais do Antigo Testamento apontavam continuamente para o fato de que os pecados do povo ainda não tinham sido pagos de uma vez por todas; afinal, os sacrifícios eram repetidos anualmente e apontavam diretamente para o Messias que viria e faria a expiação dos pecados de uma vez por todas (Hb 10.1-4).

1.4 O SINAL DA NOVA ALIANÇA EM CRISTO

Até o presente momento buscamos contextualizar a importância das refeições sacrificiais do Antigo Testamento para o povo de Israel e como tais refeições apontam para o sacrifício verdadeiro e suficiente do Messias. Vimos que o sacrifício expiatório esteve ligado à figura de um animal, o cordeiro pascal.

Foi em conexão com o significado pascal e sacrificial que Jesus instituiu a Santa Ceia no Novo Testamento. Ralph Martin nos diz que: “não pode ser sem relevância, o fato de Jesus avançar seu ministério até sua paixão e sacrifício na ocasião da Páscoa. Os três primeiros evangelhos tornam muito claro este fato”¹⁴:

Jesus reuniu seus discípulos para uma refeição, uma ceia de comunhão, justamente no cenário da Páscoa, uma festa, que para o judeu, era cheia de significados. Segundo Horton:

A festa da Páscoa é conhecida pelos judeus como o dia santo mais estimado. Agindo como o sacerdote celebrante, o cabeça do lar levanta uma taça e o pão dizendo, “Veja! Isto é como o pão da aflição que nossos pais comeram na terra do Egito. ” “Agora estamos aqui”, eles dizem, “que possamos estar no próximo ano na terra de Israel! Agora somos escravos – que possamos ser homens livres no próximo ano! ” Deus ordenou para os exilados hebreus no Egito “Tomai um molho de hissopo, molhai-o no sangue” de um cordeiro sacrificial, e “marcai a verga da porta e suas ombreiras com o sangue”¹⁵.

¹³ BERKHOF, p.595

¹⁴ MARTIN, Ralph. P. **Adoração da Igreja Primitiva**, - São Paulo: Edições Vida Nova, 1982. p.130

¹⁵HORTON, Michael Scott. **As doutrinas da maravilhosa graça**, p. 216.

A festa judaica convidava o adorador a lembrar-se da misericórdia do Senhor ao seu povo na terra do Egito, onde foram escravos por quatrocentos anos e também indicá-lhes a esperança da Era Messiânica, quando seriam cumpridos os desígnios de Deus para Israel.

Lemos que Jesus enviou seus discípulos para que preparassem a Festa da Páscoa (Mateus 26.17-19) e que nesta celebração ele instituiu a nova aliança com eles. O sinal da nova aliança não consistiria mais no sacrifício de um animal imolado, mas no anúncio do sacrifício de Jesus. Seu corpo e seu sangue seriam agora o sinal. Os elementos escolhidos por Jesus foram o pão e o vinho, que simbolizam o que Ele realizaria através de seu corpo e seu sangue.

Para participar deste momento foi necessária uma relação intrínseca dos discípulos com Jesus, a ponto de participarem de seu corpo e de seu sangue. Por isso, a Ceia foi instituída pelo Senhor Jesus pouco antes de seus sofrimentos rumo a morte na cruz do Calvário. Uma refeição marcante para os 12, que segundo, Bavinck, apontava para refeição pascal:

A refeição começava com um cálice de vinho que circulava pela sala e com ação de graças. Então as ervas amargas e uma tigela de purê era trazida para a mesa e comidas, depois que o cordeiro era colocado com os pães sem fermento. Antes que ele fosse comido, porém o pai, ou, posteriormente, o leitor oficial contava a história do Êxodo, os celebrantes cantavam a primeira parte (SI 113-114) e o segundo cálice era passado por todos. Nesse ponto começava a refeição¹⁶.

Michael Horton afirma que Jesus “provavelmente, instituiu a Ceia com seus discípulos depois de terem comido o cordeiro pascal”.¹⁷ Ele tomou o pão e o vinho e os relacionou diretamente com à sua morte. Afinal, Cristo sabia que a hora de sua morte estava se aproximando e diante daquela refeição com seus discípulos instituiu a Ceia.

Cristo tomou o pão, porque o pão o prefigura. Ele foi tipificado pelo pão da proposição (1Rs 7.48); também pelo pão que Melquisedeque ofereceu a Abraão (Gn 14.18). Ele é o verdadeiro maná de Deus, enviado durante a experiência de peregrinação de Israel no deserto. Ele mesmo afirma em João 6.48: “Eu sou o pão da vida”. Ele é o “Messias que se refere a si mesmo como o pão vivo que desceu do céu (Jo 6.51)”¹⁸. Jesus é o pão da alma, que nutre e alimenta. Conforme nos diz Thomas Watson, Jesus é o

¹⁶ BAVINCK. p.552

¹⁷ Ibid.

¹⁸ SPROUL, p. 27

verdadeiro pão que nos é útil, nos satisfaz e nos fortalece. Não há subsistência sem ele ‘quem de mim se alimenta por mim viverá’ (Jo 6.57).”¹⁹

O pão usado por Cristo na celebração da Ceia remonta ao seu próprio corpo, o qual seria entregue na cruz do Calvário para expiação dos pecados. Este pão anuncia o sacrifício de Cristo e alimenta seu povo continuamente, pois Jesus é o verdadeiro pão que desceu do céu para conceder vida eterna àqueles que creem. Podemos dizer que “o bendito corpo de Cristo é verdadeira comida”²⁰.

Ao tomar o cálice, Jesus disse que este representava seu sangue. “A seguir, tomou Jesus um cálice e tendo dado graças, o deu aos seus discípulos; e todos beberam dele. Então lhes disse: Isto é meu sangue, o sangue da nova aliança...” (Mc 14.23-24b)

O cálice “está associado com aliança”.²¹ Precisamos compreender primeiramente o significado de uma aliança à luz das Escrituras. Segundo Robertson: “Uma aliança é um pacto de sangue. Envolve compromissos com consequências de vida e morte”.²² O sangue nas Escrituras representa vida. “A vida está no sangue (Lv 17.11), e por isso o derramar de sangue representa um julgamento sobre a vida”²³.

A Ceia do Senhor foi a ocasião em que Cristo evidentemente se proclamou como o verdadeiro Cordeiro Pascal que estava tomando sobre si todas as maldições da antiga aliança. A nova aliança foi prometida ao povo de Israel e representou o cumprimento da aliança anterior..

Jesus Cristo “indica o momento da inauguração formal da nova aliança por ocasião da instituição da refeição da aliança da Ceia do Senhor”²⁴. Ele mesmo declarou: “Isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados”. Portanto, “a redenção não é pelo poder ou por meio do ensino, nem por meio de influência moral, mas por meio de expiação”²⁵.

Jesus é “o verdadeiro cordeiro pascal, que por meio de sua morte, pelo partir de seu corpo e pelo derramamento de seu sangue, efetua a expiação e lança fundamento para uma nova aliança”²⁶. O suco da videira foi o símbolo que Cristo usou para fazer referência

¹⁹ WATSON, Thomas. **A Ceia do Senhor**. Os puritanos: 2015, p. 14

²⁰ WATSON, p.40

²¹ SMITH, p.136

²² ROBERTSON, p.21

²³ ROBERTSON, p.18

²⁴ ROBERTSON, p. 43

²⁵ HODGE, p.1479

²⁶ BAVINCK, p. 552

ao seu sangue vertido na cruz, sangue da nova aliança que foi derramado em favor do seu povo.

A partir desse momento, seu povo tem celebrado a realidade da nova aliança. Os cristãos que participam da Ceia do Senhor se alegram pelas bênçãos da nova aliança, as quais foram alcançadas pelo sacrifício substitutivo de Cristo.

1.5 A REFEIÇÃO ÁGAPE

Depois que Jesus instituiu a Ceia, como sinal da nova aliança com seus discípulos, a Igreja continuou celebrando esta refeição ao longo da sua história. Segundo Grudem a Ceia “é a ordenança que deve ser observada repetidamente por toda a vida de um cristão, como sinal de comunhão contínua com Cristo”²⁷.

Percebemos as implicações disso, segundo Augustus Nicodemus desde “os cristãos do período apostólico que participavam de uma mesma igreja local mantinham o costume de reunir-se, pelo menos uma vez por semana, para comerem juntos e, durante a refeição, celebrarem a Ceia do Senhor”²⁸. Assim, o “partir do pão” se dava num ambiente em que as refeições eram tomadas em conjunto, com alegria e em plena comunhão com Deus e uns com os outros (At 2.42-47).

Essas refeições comuns eram conhecidas como “ágape”, palavra grega que significa amor e tornaram-se uma prática comum nas primeiras igrejas cristãs. “O objetivo dos ‘ágapes’ era a comunhão cristã, o compartilhar de alimentos entre os pobres e, especialmente, lembrar-se do Senhor Jesus e participar espiritualmente da sua morte e ressurreição pelo pão e pelo vinho”²⁹.

A refeição ágape era um banquete de comunhão, primeiramente com Jesus, depois uns com os outros. Segundo Horton, ela “nos liga verticalmente ao Cristo crucificado, ressuscitado e ascendido e horizontalmente aos nossos irmãos e irmãs”³⁰.

Todas as vezes que um determinado grupo de crentes em Cristo participava da celebração, eles se alegravam na experiência das bênçãos da nova aliança, por causa da sua comunhão com Deus alcançadas pelo sangue da nova aliança. Segundo Calvino, “por meio da Ceia, o Senhor alimenta espiritualmente seu povo, pois oferece o seu corpo e

²⁷ GRUDEM, p. 834

²⁸ NICODEMUS, Augustus Lopes. **O Culto Espiritual**: Um estudo em 1Coríntios sobre questões atuais e diretrizes bíblicas para o culto cristão. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 57.

²⁹ Ibid. p. 57

³⁰ HORTON, **Doutrinas da fé Cristã**, p. 842

sangue como alimento espiritual. A ceia do Senhor é a garantia de um povo continuamente perdoado e alimentado”³¹.

A Igreja do Senhor participa da Ceia ao longo dos anos e “não fica meramente refletindo acerca da Cruz do Calvário, mas, sim, revive a redenção realizada, é levada de volta ao Cenáculo e ao Monte, participa daquela obra salvífica que conhece como realidade presente”³².

1.6 A PROCLAMAÇÃO DAS BODAS DO CORDEIRO

Há mais um figura fundamental na teologia bíblica da Ceia. Ela é o preanúncio da grande Ceia, que o povo de Deus desfrutará com seu Senhor no Novo Céu e na Nova Terra. A figura da consumação aponta para um banquete da graça, no comer e beber plenamente na presença de Deus, Grudem nos diz:

Todavia, a ceia do Senhor aponta para uma refeição de comunhão mais maravilhosa na presença de Deus, no futuro, quando a comunhão do Éden será restaurada e haverá pecadores perdoados, agora confirmados em justiça, incapazes de pecar outra vez. Essa época futura de grande regozijo, quando comeremos na presença de Deus, é aludida por Jesus quando afirma: ‘ E digo-vos que, desta hora em diante, não beberei deste fruto da videira, até aquele dia em que o hei de beber, novo, convosco no reino de meu Pai’. (Mt 26.29). Somos informados mais claramente em Apocalipse sobre as bodas do cordeiro³³.

O último livro do Novo Testamento, o Apocalipse, se trata de uma visão, um vislumbre, uma revelação que o apóstolo João teve acerca do futuro. Ele vê o triunfo glorioso de Cristo e a instituição plena de seu Reino, além da festa de casamento entre o Cordeiro de Deus e sua noiva, a Igreja, a qual tem sido preparada para ser apresentada ao seu noivo sem mácula, nem ruga, porém santa e sem defeito (Ef 5.27).

Segundo R. C. Sproul: “Haverá um dia em que todos os fiéis a Cristo serão reunidos no céu para esta celebração jubilosa, para este casamento final do Cristo, que será marcado por uma festa que excederá qualquer coisa que pudermos imaginar neste mundo³⁴”. A promessa do Senhor é que Ele voltará e levará sua noiva para desfrutar de sua presença para sempre num reino sem choro, nem dor, nem medo.

³¹ CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã**. trad. Odayr Olivetti. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. Volume 4, p. 7

³² SMITH, p. 138

³³ GRUDEM, p.835

³⁴ SPROUL, p. 32

O próprio Jesus disse aos seus discípulos no momento da instituição da Ceia, que não beberia novamente do fruto da videira até que o bebesse de novo com os seus no reino do Pai celestial (Mt 26.29; Mc 14.25; Lc 22.16,18). Jesus enfatiza que ele não vai compartilhar essa refeição com os discípulos “até que ele volte”.

As palavras de despedida de Jesus apontam para o futuro. Todas as vezes que celebra-se a Ceia do Senhor neste mundo, há um chamado para a festa futura. Onde se povo aguarda para desfrutar plenamente do Reino prometido pelo Senhor. Segundo Sproul: “Já experimentamos a inauguração do reino na vida, morte e ressurreição de Cristo, mas ainda esperamos a consumação futura e final do reino”.³⁵

Na ceia do Senhor “recebemos um antegosto da festa escatológica, da ceia das bodas do Cordeiro”³⁶. Propositamente, Jesus celebra a Ceia entre a antiga era e nova aliança e insere a Igreja nessa “intersecção precária das duas eras”³⁷. Segundo Bavinck: “Para esse período intermediário Cristo instituiu a Ceia como um ato de recordação de seu sofrimento, como uma proclamação de sua morte e como um meio de sua graça abundante”³⁸. Agora, todas as vezes que a Igreja participa do corpo e do sangue de Cristo na mesa da Comunhão, “a cruz torna-se uma realidade real e viva no meio da congregação e um testemunho ao mundo”³⁹. Logo, não é a ação da igreja, mas a ação de Deus por intermédio desse meio de graça criado que “transpõe nosso espaço temporal entre o ‘então e lá’ do Gólgota o ‘aqui e o agora’ da nossa existência e a festa futura”⁴⁰.

Ele prometeu que voltará e tomará para si os seus e sentará com eles no banquete das bodas no cordeiro e “beberá com eles o vinho novo que o reino de seu Pai produzirá no novo céu e na nova terra”⁴¹. O propósito de Deus era trazer seu povo à comunhão com Ele. “A grande alegria do ser humano redimido será experimentar eternamente tal comunhão, e comer e beber na presença do Senhor junto à sua mesa”⁴².

2. A FIGURA DA CEIA NO CULTO

³⁵ SPROUL, p.32.

³⁶ HORTON, p. 843

³⁷ Ibid.

³⁸ BAVINCK, 556.

³⁹ HORTON, p. 843

⁴⁰ Ibid.

⁴¹ BAVINCK, p.556

⁴² GRUDEM, p. 835

Depois de examinarmos a figura da Ceia na Bíblia é necessário compreendermos o significado e o modelo exigido por Deus do culto, para assim entendermos o lugar e o papel da Ceia do Senhor no rito de adoração a Deus.

2.1 DEFINIÇÃO DE CULTO

A terminologia culto tem sido alvo de muitas controvérsias em nossos dias. Com o aumento significativo de igrejas e expressões religiosas em nosso país, litúrgias diversas tem sido realizadas diariamente e facilmente tem confundido a compreensão de muitos sobre o verdadeiro culto de adoração ao Senhor.

O ser humano é um ser adorador em essência, ou seja, tem a necessidade natural de cultuar algo ou alguém. Quando falamos de culto é necessário uma sólida definição que consolide nossa visão sobre o assunto.

Hermister Maia diz que “o culto cristão é a expressão da alma que conhece a Deus e que deseja dialogar com o seu Criador”⁴³. O culto é essencialmente um encontro de Deus com seu povo. Quando o corpo de Cristo se reúne para cultuá-lo, sua ação deve ser uma resposta reverente diante do Senhor Soberano. Logo, a magnitude do culto não está em atos humanos, mas nos atributos de Deus.

O culto prestado ao Senhor só é possível porque a manifestação da graça divina capacita seu povo a adorá-lo na beleza da sua santidade e fazer isso em espírito e em verdade. Só é possível cultuar a Deus, porque Ele opera no ser humano.

O primeiro mandamento diz: “Não terás outros deuses diante de mim” (Êx 20.3). Logo nas primeiras expressões do decálogo, Deus afirma que só Ele é digno de receber honra e adoração singular. Assim, o culto é um serviço estabelecido por Deus para que seu povo entenda os passos exigidos pelo Senhor na adoração exclusiva a Ele.

Segundo John Frame, o culto é “o serviço de reconhecimento e honra à grandeza de nosso Senhor da Aliança”⁴⁴. Cultuar significa executar um serviço em honra a Deus, que é digno de ser adorado, não um tempo de serviço e adoração ao ser humano. Assim, precisamos compreender como Deus requer ser adorado e não inventar fórmulas, ou ritos que Ele não exija.

⁴³ COSTA, Hermister Maia. **Princípios Bíblicos de Adoração Cristã** – São Paulo: Cultura Cristã, 2009. p. 49

⁴⁴ FRAME, John . **Em espírito e em verdade** – São Paulo: Cultura Cristã, 2006. p.21

2.2 O PRINCÍPIO REGULADOR DO CULTO

O princípio que dirige o ser humano a cultuar a Deus como Ele quer é a sua Palavra. Nas Escrituras encontramos a maneira detalhada que Deus requer de seu povo para uma vida de adoração. Não há culto verdadeiro sem o princípio regulador ordenado por Deus nas Escrituras.

Facilmente pode-se incorrer em maneiras não bíblicas de oferecer culto ao Senhor e certamente estes atos são por Ele recusados. Conforme vimos anteriormente, o culto é a resposta do homem a Deus, com fé e precisão naquilo que Ele mesmo requer.

John Frame nos lembra um exemplo claro de um culto fruto da imaginação de homens e não das exigências divinas, ele diz: “Nadabe e Abiú confiaram em sua própria sabedoria e Deus os julgou severamente. Seria possível confiarmos em nossa própria sabedoria para determinar, à parte das Escrituras, aquilo que Deus aprecia ou não aprecia no culto?”⁴⁵ Deus não concedeu ao ser humano a autonomia para cultuá-lo segundo julga ser mais coerente com sua vontade, mas estabeleceu criteriosamente os passos necessários para uma adoração legítima.

Podemos destacar o desejo profundo do reformador João Calvino, que serve de parâmetro para uma busca comprometida e genuína por um culto regulado pelo próprio Deus e não fruto da mente criativa e inclinada para o mal ou ainda como sendo consequência do desejo incontrolável do ser humano em ser adorado ou dignificado. Calvino escreve:

Deus Todo-Poderoso, visto que sempre e de maneira desgraçada nos perdemos em nossos pensamentos e, quando tentamos te adorar não fazemos nada a não ser profanar a pura verdadeira adoração de tua divindade e semos mais facilmente levados a supertições depravadas, permite, pois, que permaneçamos na obediência pura da tua Palavra e nunca nos desviemos para lado algum.⁴⁶

A Palavra do Senhor é suficiente para orientar e dirigir todos os atos do culto, afinal ela é inspirada pelo próprio Deus, o único digno de ser adorado e magnificado. A própria Sagrada Escritura condena o culto de “si mesmo” e não autorizado por Deus, conforme Colossenses 2.23.

⁴⁵ FRAME, p.67-68

⁴⁶ CALVINO, João. **O profeta Daniel: 1-6**, p.195

Contudo, há duas posições opostas sobre o princípio regulador do culto, conforme Frame escreve: “Católicos romanos, episcopais e luteranos assumiram a posição de que podemos fazer qualquer coisa, menos aquilo que as Escrituras proíbem”.⁴⁷ Ou seja, a Bíblia, neste caso, veta tudo aquilo que Deus não requer, contudo, ele falando sobre as igrejas presbiterianas utilizam outro princípio “tudo aquilo que a Bíblia não ordena é proibido. Neste caso, a autoridade bíblica é mais ampla do que um poder de veto”.⁴⁸ Partiremos do princípio mais amplo, ou seja, tudo aquilo que Deus requer dos seus adoradores está na Bíblia, todo o resto é proibido.

A Confissão de Fé de Westminster (21.1), afirma:

O modo aceitável de cultuar a Deus é instituído por ele mesmo e limitado por sua própria vontade, de maneira que ele não pode ser adorado de acordo com a imaginação e invenções dos homens ou com as sugestões de Stanás, sob qualquer representação visível ou qualquer outro modo não prescrito nas Santas Escrituras

Deus prescreve a maneira como deve ser cultuado nas Sagradas Escrituras e aquilo que não está prescrito, logo não deve ser feito. Dentre diversos textos bíblicos que revelam os atos do culto, citaremos, pelo menos dois textos neotestamentários que nos auxiliam na busca pelos elementos que devem compor um culto exigido por Deus, o primeiro é Atos 2.24-27:

E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos. Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam o pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos.

E ainda, Colossenses 3.16: “Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutualmente em toda sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração.”

A Palavra de Deus afirma categoricamente quais são os elementos essenciais que devem estar presentes no culto, como a pregação da Palavra, a comunhão, o partir do pão,

⁴⁷ FRAME, p.67

⁴⁸ Idib.

as orações, a consagração das ofertas, o louvor através de cânticos. Nada além daquilo que a Bíblia afirma deve conter no culto.

João Calvino, sustentado pelo brado da Reforma Protestante, que afirmava que somente as Escrituras deveriam ser a fonte de fé e prática do povo de Deus, esboçou a ordem e os elementos essenciais do culto prestado ao Senhor, como Ele mesmo exige. Ressaltando os mesmos princípios bíblicos da oração, pregação da Palavra, cânticos, ofertas, bênção e evidentemente, a ministração dos sacramentos – especialmente a Ceia, todos os domingos.

Deixando, pois, de lado todo este sem fim de cerimônias e de pompas, a Santa Ceia bem que podia ser administrada santamente, se com freqüência, ou pelo menos uma vez por semana, se propusesse à Igreja como segue: no início se faria orações públicas; a seguir viria o sermão; então, postos na mesa pão e vinho, o ministro repetiria as palavras da instituição da Ceia; depois, reiteraria as promessas que nos foram nela anexadas; ao mesmo tempo, vedaria à comunhão todos aqueles que são dela barrados pelo interdito do Senhor; após isto, se oraria para que o Senhor, pela benignidade com que nos prodigalizou este alimento sagrado, também nos receba em fé e gratidão de alma, nos instruindo e preparando; e, uma vez que por nós mesmos não somos dignos, por sua misericórdia aprouve nos dignificar para tal repasto. Aqui, porém, ou se cantariam salmos ou se leria parte da Escritura, e, na ordem que convém, os fiéis participariam do sacrossanto banquete, os ministros partindo o pão e oferecendo ao povo. Terminada a Ceia, se faria uma exortação à fé sincera e à sincera confissão dessa fé, ao amor cristão e ao comportamento digno de cristãos. Por fim, se daria ação de graças e se entoariam louvores a Deus; findos os quais, a congregação seria despedida em paz⁴⁹

A Confissão de Fé de Westminster ainda reitera as seguintes partes do culto exigido por Deus: “A leitura das Escrituras, com santo temor; a sã pregação da Palavra e a consciente atenção a ela, em obediência a Deus com entendimento, fé e reverência; o cântico de salmos, com gratidão no coração; bom como a devida administração e digna recepção dos sacramentos instituídos por Cristo – são partes do culto comum oferecido a Deus, além dos juramentos religiosos, votos, jejuns solenes e ações de graça em ocasiões especiais, os quais, em seus vários tempos e ocasiões próprias devem ser usados de um modo santo e religioso”.

Fica evidente que há uma maneira coerente de prestar culto a Deus, maneira tal, demonstrada em sua Palavra, praticada pela Igreja primitiva, reiterada pelos reformadores e consolidada nos símbolos de fé da Igreja.

⁴⁹ Thompson, **Liturgies of the Western Church**, 185, 186.

2.3 A CEIA COMO SACRAMENTO

Dentre os elementos essenciais do culto, vimos que a ministração dos sacramentos esta presente e é de suma importância. A fé reformada afirma que Jesus instituiu dois sacramentos à Igreja: o batismo e a ceia do Senhor.

Ralph Martin em sua obra *Adoração na Igreja primitiva*, declara que: “nosso Senhor Jesus Cristo entreteceu um grupo de pessoas novas por meio de sacramentos, pouquíssimos quanto ao número, fáclimos de serem observados, excelentíssimos na sua significância”.⁵⁰

Segundo a Confissão Belga, sacramentos “são sinais e selos visíveis de uma realidade interna invisível”⁵¹. Os sacramentos são provas do amor e cuidado de Deus para com seu povo. Por meio deles, o Senhor assegura ao seu povo sua boa vontade “ligando-se a eles, eles a si, e então, eles uns aos outros por meio dos sacramentos que ele mesmo instituiu”⁵².

João Calvino sobre os sacramentos escreve, fazendo uso das palavras de Agostinho que “a nenhum nome de religião, quer verdadeiro, quer falso, podem os homens aderir, se não estiverem vinculados por algum compartilhamento de marcas ou sacramentos visíveis”.⁵³

O termo “sacramento” não se encontra nas Escrituras. É derivado do latim, onde o termo usado é *sacramentum*, e o mesmo:

Origina dos tribunais romanos, em que era requerido dos litigantes que dessem uma garantia monetária prescrita que o vencedor do caso receberia de volta. Ele também começou a ser usado no contexto militar, como um voto jurado pelos soldados⁵⁴.

Segundo Berkhof, ao que parece, o sacramento “objetivava ser uma espécie de oferta propiciatória aos deuses”⁵⁵. Este termo começou a ser usado pelos cristãos quando a Vulgata o empregou para traduzir a expressão grega *mysterion*. E mais tarde, a Igreja primitiva começou a usar o termo “sacramento” para as doutrinas e ordenanças. O próprio Berkhof define sacramento da seguinte maneira:

⁵⁰ MARTIN, Ralph. p.103

⁵¹ CONFISSÃO BELGA,

⁵² HORTON, p. 801.

⁵³ CALVINO, Institutas, Volume IV, p.301.

⁵⁴ Ibid.

⁵⁵ BERKHOF, p. 569.

Um sacramento é uma santa ordenança instituída por Cristo, na qual, mediante sinais perceptíveis, a graça de Deus em Cristo e os benefícios da aliança da graça são representados, selados e aplicados aos crentes, e estes, por sua vez, expressam sua fé e sua fidelidade a Deus⁵⁶.

Pode-se afirmar que a Ceia do Senhor é um sacramento instituído pelo próprio Cristo. Através dele, Jesus comunica sua graça invisível de maneira visível nos elementos do pão e do vinho. Assim, o sinal da nova aliança de Deus com seu povo representa também um meio de graça escolhido por Deus para seus filhos. Conforme lemos na Confissão de Fé de Westminster:

A graça revelada nos sacramentos, ou por meio deles, quando devidamente usados, não é conferida por qualquer poder neles existentes; nem a eficácia de um sacramento depende da piedade ou intenção de quem o administra, mas da obra do Espírito e da palavra da instituição, a qual, juntamente com o preceito que autoriza o uso dele, contém uma promessa de benefício aos que dignamente o recebem⁵⁷.

Por ser considerada um sacramento pela Igreja, a figura da Ceia do Senhor se torna fundamental para compreendermos que Deus usa o sinal da nova aliança para selar e fortalecer a fé do seu povo.

O próprio Cristo “tencionava que a ordenança continuasse a ser observada em sua Igreja até sua segunda vinda à luz de ordem expressa dada em Lucas 22.19 e reiterada pelo apóstolo em 1 Coríntios 11.24”⁵⁸.

A Ceia não é simplesmente uma refeição partilhada por seres humanos, mas por meio deste ato, Cristo comunica a sua Igreja sua maravilhosa graça visivelmente. A Santa Ceia “é a comunhão com Cristo, na sua presença e à sua mesa”⁵⁹. O catecismo de Heidelberg sustenta que o sacramento da Ceia do Senhor serve como um meio que leva o pecador arrependido a gozar da comunhão de Cristo, ao afirmar que:

Para aqueles que estão verdadeiramente descontentes consigo mesmos por seus pecados, e, todavia, confiam que estes lhes são perdoados por amor de Cristo, e que sua fraqueza subsistente é coberta por sua paixão e morte; os quais também desejam fortalecer cada vez mais a sua fé e corrigir sua vida⁶⁰.

⁵⁶ Ibid. p.570.

⁵⁷ CONFISSÃO DE FÉ, p. 208.

⁵⁸ HODGE, p. 1473.

⁵⁹ GRUDEM, p. 805.

⁶⁰ CATECISMO DE HEIDELBERG

Os benefícios da celebração da Ceia do Senhor são diversos, além de apontar essencialmente para uma marca fundamental do culto ordenado por Deus, João Calvino diz que este sacramento nos estimula e inspira uma vida de pureza, santidade, amor, paz e concórdia. Ao se tornar participante da mesa de Cristo, o membro da Igreja é fortalecido e reanimado por meio deste sinal.

Afinal, a igreja declara por este ato que “Deus os recebe em sua família, não apenas em lugar de servos, mas como filhos, para cumprir o papel de ótimo e solícito pai de sua progênie, ele assum e função de nos alimentar”.⁶¹ Há significados profundos e marcantes no sacramento da Ceia do Senhor, os quais precisam ser proclamados como forma de confiança e satisfação na plena união de Cristo com seu povo.

Logo, a Ceia do Senhor, por ser um sacramento instituído por Jesus e tendo um amplo lugar nas Escrituras, tem um papel fundamental no culto. A maneira como Deus requer ser adorado envolve a celebração da Ceia no culto público como sinal visível de sua graça e do desfrute da comunhão com Ele.

Assim sendo, a Ceia faz parte do princípio regulador do Culto e, portanto, não deve ser substituída por quaisquer outros elementos que não são fundamentais para adoração pública e celebração do culto conforme a vontade de Deus.

⁶¹ Institutas, volume IV, p.363

3. A MINISTRAÇÃO DA CEIA EM TODO CULTO

A Ceia tem real significado nas Escrituras, bem como lugar definido pelo Senhor no culto público. Fica a questão de com que frequência este sacramento deve ser celebrado e se seu papel é essencial ou não na adoração exigida por Deus.

Neste trabalho sustentamos que a Ceia é um elemento fundamental do culto, logo sua celebração deveria ser semanal, como são os cultos solenes, no qual, a igreja visível se reúne no domingo para adorar ao Senhor.

A Bíblia não menciona com clareza a frequência que a Ceia do Senhor deve ser ministrada em culto público. Fato é que ele deve ser ministrada, mas a maneira e rotina estabelecida procederão de princípios bíblicos e sustentação teológica. Segundo Millard. J. Erickson:

A frequência com que devemos celebrar a ceia do Senhor é outra questão sobre a qual não temos instruções explícitas na Bíblia. Não há sequer uma indicação exata da prática na igreja primitiva, embora possa ter sido semanal, isto é, todas as vezes que a igreja se reunia. Diante da falta de informações específicas, tomaremos nossa decisão com base em princípios bíblicos e considerações práticas.⁶²

Por falta de um texto explícito que ordene a celebração da Ceia do Senhor todos os domingos, o diretório de Culto de Westminster afirma que tal sacramento “deverá ser celebrado com frequência; mas com qual frequência poderá ser considerado e determinado pelos ministros e outros dirigentes de cada Igreja, conforme achem mais conveniente para o consolo e edificação das pessoas entregues aos seus cuidados”⁶³

Mesmo não tendo um texto normativo, as inferências bíblicas como Atos 2.46, afirmam a dedicação dos discípulos na doutrina e na comunhão, além de dizer que “diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa...”. O celebrar de uma refeição diante do Senhor e no desfrute com os irmãos era algo comum na igreja primitiva. O mesmo Erickson que afirma não termos uma base bíblica explícita sobre a frequência da ministração da Ceia, na página anterior a supracitada, diz:

ela deve ser celebrada com frequência suficiente para evitar longos lapsos entre períodos de reflexão sobre as verdades que ela significa, mas não tão frequente a ponto de fazê-la parecer trivial ou tão comum que passamos pelo ritual sem realmente pensar em seu significado. Talvez seja bom a igreja tornar a ceia do Senhor acessível de modo

⁶² ERICKSON, Millard. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, p.1095

⁶³ Diretório de Culto de Westminster, p.47

frequente, permitindo ao crente determinar com que frequência participará. O fato de saber que podemos participar da ceia do Senhor quando sentimos a necessidade e o desejo, mas que não somos obrigados a dela participar em cada oportunidade disponível, impedirá que o sacramento se torne uma rotina.⁶⁴

A perspectiva de João Calvino também aponta para uma celebração mais frequente da Ceia, logo igrejas que sustentam sua teologia precisam compreender também este aspecto dela. Quando João Calvino escreveu sua *suma teológica* – as *institutas* – sua defesa partia do ponto que quando o corpo de Cristo se reúne a Ceia deveria ser ministrada. Ele “defendeu amplamente que esse sacramento não foi instituído para ser recebido uma vez ao ano”⁶⁵, como era costume em sua época. Segundo ele, o sacramento:

Foi ordenado para ter uso frequente entre todos os cristãos, de modo que, pela frequente lembrança, tenham sempre em mente a paixão de Cristo, por cuja lembrança não apenas sustentem e fortaleçam sua fé, mas também para se estimularem mutualmente a cantar louvores a Deus e a proclamar sua bondade.

Calvino, alicerçado em Atos 2.42, afirma que desde a Igreja Primitiva, “tornou-se regra invariável que nenhuma reunião da Igreja aconteceria sem a Palavra, as orações, a participação da ceia e as esmolas”⁶⁶. E ainda nos diz em seu pequeno tratado da santa ceia de nosso Senhor que:

se examinarmos bem de perto a que finalidade o Senhor nos leva, entenderemos que o uso deveria ser mais frequente que o costume de muitos. Pois, quanto mais a fraqueza nos pressiona, mais precisamos nos exercitar ao máximo naquilo que pode e deve servir para confirmarmos na fé e nos fazer progredir em santidade. Assim, o costume da ceia deve ser celebrado com frequência em todas as igrejas bem ordenadas, tantas vezes quantas a capacidade do povo permitir.⁶⁷

Herman Bavinck também pode colaborar neste sentido. Sobre o texto de Atos 2.42, ele afirma que no dia do Senhor era provável que:

acontecessem duas reuniões, uma para o ministério da Palavra, na qual os não membros eram admitidos (1Co 14.23) e na qual um texto da Escritura do Antigo Testamento e, posteriormente, também dos escritos apostólicos, era lido, todos os membros da igreja tinham liberdade para falar (1Co 14.26) e havia oração e cânticos (At 2.42; Rm 12.12;

⁶⁴ Ibid, p.1094

⁶⁵ CALVINO, p.418

⁶⁶ Ibid

⁶⁷ CALVINO: uma coletânea de escritos, p.116-117

1Co14.14-15,26). Havia também outra reunião, dedicada à celebração da Ceia do Senhor (“quando vos reunis para comer”, 1Co 11.33), na qual somente os crentes podiam tomar parte (1Co 10.16)⁶⁸

Há uma base teológica que defende que o texto de Atos 2.42-47 aponta para uma celebração semanal do partir do pão. Mas também, levantamos uma consideração prática, o exemplo do teólogo John Frame, que afirma: “Na nossa igreja, temos Santa Ceia todo domingo [...] à medida que fui estudando as Escrituras, Deus me mostrou como são ricos o simbolismo e o contexto da Santa Ceia”.

A frequência da ministração da Ceia é um assunto importante para essência do culto reformado. A seguir, elencaremos algumas características, que reiteram a importância da sua ministração da Ceia do Senhor em todo culto.

3.1. COMO UM MEIO DE GRAÇA INDISPENSÁVEL

A designação “meio de graça” não está presente literalmente no cânon das Escrituras, contudo a expressão foi usada por diversos teólogos para explicar a forma que Deus utiliza para dispensar ou comunicar suas bênçãos.

Mesmo que na Palavra encontremos textos como (2Pe1.3), onde o apóstolo Pedro diz: “ nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória”, e muitos atribuem a expressão “coisas que conduzem à piedade” como indicando os “meios de graça”, não podemos dizer certamente que o é. Contudo, a expressão “meios de graça” é usada costumeiramente por teólogos para explicar os sinais da graça de Deus que Ele comunica aos homens.

Louis Berkhof, por exemplo, define meios de graça como “instrumentos, não da graça comum, mas da graça especial, da graça que remove o pecado e renova o pecador, em conformidade com a imagem de Deus”⁶⁹. Os meios de graça representam os canais visíveis que Cristo deixou a sua Igreja para revelar sua graça invisível.

O catecismo maior de Westminster, símbolo de fé de nossa igreja, afirma em sua pergunta 154:

Quais são os meios exteriores pelos quais Cristo nos comunica os benefícios de sua mediação? Os meios exteriores e ordinários, pelos quais Cristo comunica à sua Igreja os benefícios de sua mediação, são

⁶⁸ BAVINCK, p.470

⁶⁹ BERKHOF, p. 557.

todas as suas ordenanças, especialmente a Palavra, os sacramentos e a oração; todas as quais se tornam eficazes aos eleitos para a salvação⁷⁰.

Logo, de acordo com um dos símbolos de fé da Igreja pode-se afirmar que existem três meios de graça: a Palavra, os sacramentos e a oração. O teólogo Charles Hodge sustenta a posição do catecismo maior em sua obra, ao dizer:

Por meios da graça não se entendem todos os instrumentos que Deus queira usar como meio para a edificação espiritual de seus filhos. Esta expressão é apropriada para indicar aquelas instituições que Deus ordenou como meios ordinários da graça, ou seja, das influências supernaturais do Espírito Santo, para a alma dos homens. Os meios de graça, segundo as normas de nossa Igreja, são a Palavra de Deus, os Sacramentos e a Oração⁷¹.

John Frame afirma que os sacramentos são sinais e que eles “suplementam a Palavra de Deus por meio de imagens dramáticas divinamente autorizadas. Portanto, a plenitude do ensino divino ocorre pela Palavra e pelo sacramento”⁷². João Calvino também afirma que a verdadeira celebração da Santa Ceia não pode ser separada da proclamação da Palavra. Assim, segundo ele “tornou-se regra invariável que nenhuma reunião da Igreja aconteceria sem a Palavra, as orações, a participação da ceia e as esmolas”⁷³.

Assim, a frequência da Ceia deve seguir a frequência dos demais meios de graça no culto público. Se é oferecida a pregação da Palavra, as orações – que são meios de graça, também é preciso que seja oferecida na mesa intencional a celebração da Ceia do Senhor, a qual dramatiza as gloriosas ações de Deus na história de seu povo e também evidencia um meio de graça.

Ministrar a Ceia do Senhor é marca da Igreja verdadeira, tal como a pregação. Um culto sem a explanação bíblica não deve nem ser considerado como um culto prestado ao Senhor, tal como um culto sem Ceia. Calvino sobre isso afirma que:

O que é dito da Palavra também se aplica ao sacramento da ceia, por meio do qual Cristo nos é comunicado pelo Senhor. Pois, sendo nós tão fracos que não podemos recebê-lo em verdadeira confiança de coração quando ele nos é apresentado pela simples doutrina e pela pregação, o Pai de misericórdia, mostrando sua condescendência em relação à nossa enfermidade, quis acrescentar à Palavra um sinal visível que

⁷⁰ CATECISMO MAIOR, p. 219.

⁷¹ HODGE, p. 1366.

⁷² FRAME, p.424

⁷³ CALVINO, Institutas, volume IV, p.418.

representasse a substância de suas promessas, para nos firmar e fortalecer, livrando-nos de toda dúvida e incerteza.

Sem dúvidas, a Ceia do Senhor é o sinal perfeito que evidencia o poder de sua Palavra. Quando a Palavra de Deus é proclamada, as verdades da doutrina bíblica fortalece a Igreja e quando partilha-se do pão e do vinho há a plena encenação do drama desta doutrina.

3.2. COMO UM ATO LITÚRGICO FUNDAMENTAL

Se por um lado, afirmamos que a Ceia é um meio de graça, e portanto não deve ser privada do povo de Deus, também podemos afirmar que este ato deve ser essencial em toda liturgia do culto reformado.

A celebração da Ceia é uma rica utilidade à Igreja, principalmente no campo litúrgico, onde aquilo que é útil tem facilmente sido conduzido ao inútil, ou para aquilo que encanta os olhos e não alimenta o espírito.

O grande expoente desta ideia, João Calvino, afirma que embora “não tenhamos ordenança específica sobre a frequência e o dia, deve bastar-nos saber que a intenção de nosso Senhor foi de que lançássemos mão dela muitas vezes; de outro modo, não conheceremos bem sua utilidade”.⁷⁴

Ele ainda afirmou que não há “nada mais salutar à Igreja do que a Ceia”.⁷⁵ O costume institucional de celebrá-la uma vez por ano na época do reformador foi severamente refutado. Até mesmo, em nossos dias, na maioria das igrejas, quando celebramos a ceia uma vez por mês precisa ser discutido. A ministração da Ceia do Senhor evidencia as riquezas partilhadas em Cristo, no ajuntamento do povo Dele.

Talvez, os diversos avisos que ocupam as liturgias poderiam ser condensados em comunicações mensais e a celebração da Ceia, semanalmente preencher os atos fundamentais dos cultos.

As igrejas locais estão doentes. Muitos membros não a definem mais como essencial em suas vidas, a chegada da pandemia e o uso dos recursos tecnológicos podem ter contibuído para afastar cada vez mais o corpo. Por isso, o pensamento de Calvino, que ilustra a ceia como um “remédio que Deus proveu para nossa fraqueza, para fortificar a fé, aumentar o amor e nos fazer progredir em santidade de vida, precisamos mais ainda

⁷⁴ Ibid, p. 117

⁷⁵ CALVINO: uma coletânea de escritos, p.115

lançar mão desse recurso à medida que sentimos a doença nos pressionar”⁷⁶ faz ainda mais sentido hoje em dia.

A celebração da Ceia em todo culto é de suma importância para reafirmar a essência da igreja e solidificar uma liturgia objetiva e bíblica. Quando o povo de Deus se reúne deve partilhar de uma refeição espiritual com seu Senhor, através do Espírito Santo. Foi assim, desde os primórdios da igreja, conforme Nicodemus afirma: “os cristãos do período apostólico que participavam de uma mesma igreja local mantinham o costume de reunir-se, pelo menos uma vez por semana, para comerem juntos e, durante a refeição, celebrarem a Ceia do Senhor”⁷⁷.

Ainda mais agora, em dias de conflitos sobre a identidade da Igreja e as liturgias alternativas do presente século, é necessário uma retomada nas marcas eclesiológicas fundamentais, sobre isso Francis Schaeffer escreve:

A Ceia do Senhor é repetida com frequência porque representa como os cristãos se nutrem de Cristo, uma prática que deve ser constante, repetida a cada momento – ou, em tempos modernos, uma prática existencial. São esses indivíduos que devem constituir a comunidade cristã⁷⁸.

A ministração da Ceia do Senhor é essencial na liturgia do culto, pois evidencia uma marca fundamental da Igreja do Senhor. Se não há ministração da Ceia, certamente há espaço para outras ações litúrgicas que não apontam para a centralidade daquilo que Deus apontou como fundamental para adoração comunitária.

3.3. COMO UM ANÚNCIO ESCATOLÓGICO URGENTE

Jesus Cristo deixou uma refeição como sinal de sua graça salvadora. Sua ministração é indispensável ao povo de Deus, fundamental para o culto e também urgente para nossos dias. Vimos que a Ceia é um sacramento, instituído por Jesus. Esta expressão está intimamente ligada a um sinal ou selo. Chad Van Dixhoorn, ao comentar a Confissão de Fé de Westminster, diz:

A terminologia de sinal e de selo tinha um significado particular no período da pós-Reforma – o período em que a Confissão de Fé de Westminster foi escrita. No século 17 os “selos” eram compreendidos

⁷⁶ Ibid, p. 116

⁷⁷ NICODEMUS, Augustus Lopes. **O Culto Espiritual**: Um estudo em 1Coríntios sobre questões atuais e diretrizes bíblicas para o culto cristão. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 57.

⁷⁸ SCHAEFFER, Francis A. **A Igreja no Século 21**. Trad. Elizabeth Stowell Charles Gomes – São Paulo: Cultura Cristã, 2010. p. 51

como marcas confirmatórias ou símbolos de autenticação. Quando esse significado era aplicado aos sacramentos, um selo era compreendido como se protegesse uma promessa, enfatizasse uma obrigação ou solidificasse um pacto. Mais basicamente, um selo validava algo⁷⁹.

Assim, podemos afirmar que a Ceia do Senhor é a marca confirmatória da promessa da volta de Cristo. Todas as vezes que os discípulos de Cristo participavam do sinal da nova aliança, reafirmavam a esperança da vitória final de Jesus e de sua volta gloriosa. As palavras do apóstolo Paulo enfatizam esta ideia, quando ele diz: “... todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes do cálice proclamais a morte do Senhor, até que Ele venha” (1Co 11.26). Tal expressão, aponta para o futuro, para a esperança que a Igreja de Cristo deve depositar em sua volta.

A refeição tem um significado singular para o povo reunido em culto, segundo o autor, Timothy Keller: “Fazer uma refeição é uma experiência bastante física. Jesus deixou uma refeição, a Ceia do Senhor, para que nos lembrássemos dele; o objetivo final da história é uma refeição, o banquete do casamento do Cordeiro (Ap 19)”⁸⁰.

A Ceia do Senhor aponta para o sacrifício de Jesus, sua morte vicária, sua salvação graciosa, mas, também, olha para o futuro, para a promessa da volta de Cristo. Segundo Joachim Jeremias:

Jesus se designa como sacrifício, como cordeiro pascal escatológico (1Co 5.7), cuja morte faz vigorar a nova aliança, que fora prefigurada no pacto da aliança no Sinai (Êx 24.8) e profetizada para o tempo da salvação (Jr 31.31-34). Sua morte é, portanto, morte vicária⁸¹.

Jesus representa o cordeiro pascal escatológico. Quando falamos de “escatologia”, nos referimos ao estudo das últimas coisas, o estudo do fim. E podemos perceber que Jesus ao usar os elementos do pão e do vinho como representação do seu corpo e do sangue numa refeição, aponta para lembrança de sacrifício e também para a uma esperança vindoura. Assim destacamos a afirmação de Chad Van Dixhoorn, ao dizer que:

A Ceia deve ser observada até o fim do mundo. Os cristãos sempre entenderam, quando Jesus disse duas vezes a seus discípulos para que lembrassem dele, que ele tinha por objetivo uma lembrança perpétua do sacrifício que, em sua morte, ele fez de si mesmo. É por isso que

⁷⁹ DIXHOORN, p. 364.

⁸⁰ KELLER, Timothy. **O Deus Pródigo: Uma análise completa da história mais importante que Jesus contou**. Trad. André Jenkino. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016. p. 144.

⁸¹ JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento**. Trad. João Rezende Costa. – São Paulo: Hagnos, 2008, p. 414.

apóstolo Paulo repetiu os dois chamados de Jesus à lembrança e, depois, concluiu dizendo: “todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha” (1Co 11.24-26)⁸².

A refeição da Ceia do Senhor cultiva a esperança de um banquete escatológico, quando juntamente com Cristo, Rei dos reis e Senhor dos senhores será desfrutado um banquete, a ceia das bodas do Cordeiro. Conforme nos diz, Anthony Hoekema:

A escatologia do Novo Testamento, portanto, olha para trás, para a vinda de Cristo, que tinha sido predita pelos profetas do Velho Testamento, e afirma: nós estamos agora nos últimos dias. Mas a escatologia neotestamentária também olha para frente, para uma consumação final ainda por vir, e por isso também diz: o último dia ainda está chegando; a era final ainda não chegou⁸³.

Enquanto a Igreja vive esta tensão do “já e ainda não”, ela participa da Ceia do Senhor, lembrando de seu sacrifício vitorioso na cruz, mas não deixa de cultivar uma esperança escatológica, que aponta para a segunda vinda de Jesus, quando Ele virá em poder e muita glória e reinará para sempre.

Assim, podemos afirmar que o sacramento da Ceia do Senhor é a promessa, a garantia de que tudo o que Cristo sofreu foi para a vivificação eterna. Celebrar a Ceia todos os domingos serve para manter a esperança viva na Igreja, como escreveu Timothy Keller:

o Senhor dos Exércitos prepara um farto banquete para todos os povos, um banquete de vinho envelhecido, com carnes suculentas e o melhor vinho. [...] ele destruirá o véu que envolve todos os povos, a cortina que cobre todas as nações; destruirá a morte para sempre. O Soberano, o Senhor, enxugará as lágrimas de todo rosto e retirará de toda a terra a zombaria do seu povo. Foi o Senhor que o disse! (Is 25.6-8)⁸⁴.

Assim, todas as vezes que a Igreja se reúne, anuncia seu anseio pela vinda de Cristo e a celebração da Ceia do Senhor é fundamental para representar este desejo profundo da Igreja em testemunhar da volta de Jesus.

⁸² DIXHOORN, p. 387.

⁸³ HOEKEMA, Anthony. **A Bíblia e o Futuro**. – São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1989, p.30.

⁸⁴ KELLER, p. 168.

CONCLUSÃO

Portanto, diante de tudo que foi exposto, concluímos que a Ceia do Senhor, primeiramente tem um lugar especial em toda teologia bíblica. Geralmente, a Teologia dos sacramentos é mencionada apenas em sua celebração, com isso, muitos cristãos não entendem seu real significado e acabam participando dos sacramentos apenas como um rito religioso e não compreendem o profundo significado desse ato.

Através deste trabalho vimos o caráter bíblico relevante da Ceia do Senhor. A sustentação dos argumentos apontou para Ceia como uma refeição de comunhão plena do ser humano com Deus. Na celebração da Ceia do Senhor, anunciamos a morte de Cristo, lembramos de seu sacrifício e aguardamos com coração repleto de esperança sua volta. Neste dia glorioso, o povo da Aliança se encontrar com seu Senhor, celebraremos as Bodas do Cordeiro, uma refeição plena de comunhão com Deus, assim como era no Jardim do Éden, será no novo céu e na nova terra. Não mais unidos pelo primeiro Adão, que falhou, mas unidos pelo novo Adão, Cristo Jesus, que derramou seu sangue como selo da nova aliança com seu povo.

Em segundo lugar, concluímos que a Ceia tem um papel fundamental no culto. Conforme vimos, Deus tem um modo para ser adorado. O culto é para Deus e designado por Ele em todas suas ações, a Bíblia expõe o princípio regulador de adoração e a ministração dos sacramentos é essencial.

A pobreza litúrgica de muitos cultos tem levado muitos fiéis a cultuarem a Deus de maneira indevida. Quando falhamos no altar, falhamos na vida e, portanto, este trabalho se propôs a rever o significado e profundidade do princípio regulador do culto.

Quando não fazemos aquilo que Deus exige que seja feito nos momentos de adoração, facilmente abre-se um precedente para que muita coisa que não faz parte da essência do culto, sorrateiramente tome conta da dimensão de adoração. Se não há pregação da Palavra, orações e ministração dos sacramentos, não há culto. Este trabalho visou resgatar a figura da Ceia como elemento fundamental no culto, para que não seja substituída por quaisquer elementos fúteis e não exigidos por Deus.

Por fim, o trabalho expõe e defende a visão do reformador João Calvino sobre a frequência da ministração da Ceia. A qual deve ser realizada como parte essencial do culto. Todas as vezes que o corpo de Cristo se reúne deve celebrar a refeição indispensável, fundamental e urgente para Igreja.

O culto reformado possui elementos fundamentais como a exposição bíblica e a oração, ambas meios de graça, tal como a Ceia, que não deve ser omitida dos atos litúrgicos. Ela é fundamental e aponta para uma viva e rica promessa.

Este trabalho é uma convocação à Igreja para que participe do sinal da nova aliança de todo coração. Afinal, fomos chamados para celebrarmos a comunhão da mesa do Senhor. Nosso desejo, ao escrevê-lo é que todas as vezes que comermos do pão e bebermos do cálice, no culto público, lembremos do plano redentor de Cristo, anunciemos sua rude morte e aguardemos com esperança sua triunfante vinda.

REFERÊNCIAS

Assembleia de Westminster, **A confissão de Fé de Westminster**. 17ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

_____, **O Catecismo Maior de Westminster**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

_____, **O Breve Catecismo de Westminster**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

BULLINGER, Heinrich. **Segunda Confissão de Fé Helvética**. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/credos/confissao_helvetica.htm. Acesso em: 03/10/2022.

BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada: Espírito Santo, Igreja e Nova Criação**. Trad. Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. Volume 4.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. Trad. Odayr Olivetti. 4ª Ed. Revisada. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

CALVINO, João. **As Institutas**. Trad. Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Cultura Cristã, 2022..

_____, **João Calvino: uma coletânea de escritos**. Trad. Norma Braga – São Paulo: Vida Nova, 2017.

CAMPOS, Heber Carlos. **A Presença Real de Cristo na Ceia no Pensamento de Calvino**. Fides Reformata - São Paulo: Editora Mackenzie, Vol. XIX, Nº 1, 2014.

DIXHOORN, Chad Van. **Guia de estudos da Confissão de Fé de Westminster**. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

ERICKSON, Millard. J. **Teologia Sistemática**. trad. Robinson Malkomes, Valdemar Kroker, Tiago Abdalla Teixeira Neto. São Paulo: Vida Nova, 2015.

GRUDEM, Wayne A. **Teologia Sistemática**. – São Paulo: Vida Nova, 1999.

HODGE, Charles. **Teologia Sistemática**. Trad. Valter Martins. São Paulo, SP: Hagnos, 2001.

HOEKEMA, Anthony. **A Bíblia e o Futuro**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1989.

HORTON, Michael. **Doutrinas da Fé Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

_____. **As doutrinas da maravilhosa graça: um antídoto contra o cristianismo cultural infiltrado no meio evangélico**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento**. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Hagnos, 2008.

KELLER, Timothy. **Igreja centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho**. Trad. Eulália P. Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2014.

_____. **O Deus Pródigo: Uma análise completa da história mais importante que Jesus contou**. Trad. André Jenkino. – 2ª ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016.

KLEIN, Carlos Jeremias. **Os Sacramentos na Tradição Reformada**. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

LIMA, Leandro. **Razão da Esperança: Teologia para hoje**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

MARTIN, Ralph. P. **Adoração na Igreja Primitiva**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1982.

NICODEMUS, Augustus Lopes. **O Culto Espiritual: Um estudo em 1Coríntios sobre questões atuais e diretrizes bíblicas para o culto cristão**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

PACKER, J.I. **Teologia Concisa; síntese dos fundamentos históricos da fé cristã**. trad. Rubens Castillo. Campinas, SP: Luz para o Caminho, 1998.

ROBERTSON, O. Palmer. **O Cristo dos Pactos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

SCHAEFFER, Francis A. **A Igreja no Século 21**. Trad. Elizabeth Stowell Charles Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

SPROUL, R. C. **O que é a Ceia do Senhor?** São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2014.

_____. **Somos todos teólogos: uma introdução à teologia sistemática**. São José dos Campos, São Paulo: Fiel, 2017.

WALTKE, Bruce. **Teologia do Antigo Testamento: uma abordagem exegética, canônica e temática**. Trad. Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2015.

WATSON, Thomas. **A Ceia do Senhor**. São Paulo: Os puritanos, 2015.

WILLIAMSON, G.I. (Ed). **O Catecismo Maior de Westminster comentado por Johannes Geerhardus Vos**. Trad. Marcos Vasconcelos. São Paulo: Os Puritanos, 2007.